



## “Se não for pra causar nem quero”: Feminilidades naturais e artificiais via cirurgias plásticas

Jéssica Brandt da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho<sup>2</sup> tem como foco discursos sobre cirurgias plásticas entre mulheres reunidas em um grupo sobre lipoaspiração e implantes de silicone na rede social digital *Facebook*. Contraponho esses discursos com um recorte ilustrativo de outras produções sobre as cirurgias plásticas: *sites* de cirurgiões e de clínicas que performam esses procedimentos. A partir do método etnográfico e de abordagens da Antropologia da Ciência discuto normatividades de gênero que relacionam-se com os usos estabelecidos de cirurgias plásticas. Dei atenção à categoria *natural* enquanto descritiva de resultados possíveis de uma cirurgia plástica, e a partir disso, elenquei normatividades diversas acerca do gênero feminino. Essas normatividades estão associadas, por um lado, à essa referida “natureza” e, por outro, à negação dela e à valorização de uma aparência “não-natural” quando estão em cena próteses de silicone e sua estética “artificial”.

**Palavras-chave:** Cirurgia Plástica; Gênero; Feminilidade; Natural; Artificial;

### Introdução

A partir da curiosidade sobre os usos da ideia de natureza em um contexto específico – o das cirurgias plásticas, traço relações entre normatividades estéticas e de gênero e suas definições enquanto naturais ou esteticamente artificiais.

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais pela UFRGS. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS.

<sup>2</sup> Faz parte da pesquisa para um trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais sob orientação da Professora Fabíola Rohden.

O trabalho parte de indagações suscitadas por uma pesquisa de Iniciação Científica<sup>3</sup> (IC) em que mapeei aspectos de *sites* sobre cirurgia plástica. A metodologia dessa pesquisa de IC consistiu inicialmente de uma pesquisa exploratória por *sites* brasileiros que divulgam serviços de cirurgia plástica. Os discursos observados em tais páginas possibilitaram identificar o que chamei de categorias recorrentes, como por exemplo, referências à normalidade, naturalidade, excessos, faltas, além de diferentes tratamentos de corpos informados por gênero, raça e etnia. Para definir estas categorias como significativas para o campo das cirurgias plásticas, selecionei uma amostra de *sites* de estabelecimentos que ofereciam serviços de medicina estética em algumas capitais brasileiras.

Foram escolhidos os primeiros sites que aparecem em evidência em uma busca no *google* com os termos “cirurgia plástica”. Dado o grande volume de páginas e de informações disponíveis sobre o tema, foi delimitado o número (20) e o tipo de *sites* (de clínicas ou de médicos oferecendo seus serviços de cirurgia plástica, contendo descrições dos procedimentos) a serem analisados com mais profundidade.

Com o objetivo de ilustrar quais ideias eram mais recorrentes nos sites, agrupei os textos ou imagens de teor similar, que versavam sobre os mesmos procedimentos, sobre as mesmas partes dos corpos, ou que, em geral, evocavam ideias muito semelhantes. Assim, as categorias de análise foram produzidas. Trago aspectos dessa pesquisa pois, apesar de ela não ser o foco etnográfico aqui, as categorias nela construídas foram decisivas para a definição do ponto de partida do presente trabalho, e há um contraste entre o campo daquela pesquisa e o deste trabalho em alguns aspectos. O aspecto que discuto nessa ocasião são certas normatividades perpassadas pela categoria “natural”. Pois essa natureza que descreve resultados de cirurgias plásticas adquire contornos diferentes de uma natureza idealizada, intocada pela interferência cultural humana. O campo do recorte que fiz nesses trabalhos complica, à sua maneira, divisões entre artifício e natureza pois pode descrever o resultado de um procedimento que altera, por meio de tecnologias biomédicas, um corpo que inicialmente poderia ser definido também como natural no mesmo contexto.

Apesar da riqueza do material desses *sites*, quis aproximar-me das perspectivas de algumas das milhões de mulheres que fizeram ou farão cirurgias plásticas. De como elas

---

<sup>3</sup> Pesquisa de IC inserida no projeto Gênero, sexualidade, cérebro e hormônios a partir dos discursos científicos de grande circulação: uma análise dos usos da ciência, comunicação e interfaces heterogêneas de autoria de Fabíola Rohden, financiada pelo programa BIC/UFRGS.

significam esse processo. Assim, direcionei o diálogo deste trabalho para a interlocução com algumas dessas pessoas.

## As redes e as plásticas

A hipótese seguida para a abordagem das perspectivas das mulheres via redes sociais é a de que há processos de subjetivação que passam pela manipulação de discursos públicos a respeito das modificações corporais, conforme Rohden (2017). As questões levantadas por Rohden acerca desses processos de subjetivação são norteadoras para esse trabalho. Segundo Rohden (2017) é possível sugerir que uma perspectiva interessante para compreender certos discursos públicos disponíveis atualmente sobre cirurgias plásticas, seja por meio do reconhecimento da atual conjuntura de valorização do aprimoramento individual.

O campo que empreendi nesse trabalho se distancia dos mais tradicionais onde o antropólogo está presente face à face no contato com seus interlocutores. Isso não significa que o método etnográfico seja desfigurado. Apoio-me em Hine (2015) e Miller (2012) para definir as redes sociais enquanto instâncias da realidade cotidiana, produzidas em conjunto, e não apartadas dessa realidade. Segundo Hine (2015) uma abordagem desses ambientes como contínuos seria mais adequada e também seria o ponto fundamental a favor da manutenção dos princípios etnográficos tradicionais. Miller e Horst (2012) argumentam a favor de uma espécie de holismo que enquadra o particular pelo viés etnográfico mas agrega aspectos não locais que podem impactar ou transcender o quadro. Assim as redes sociais seriam dimensões onde esse enfoque é especialmente útil pois nelas haveria um encontro de aspectos globais e particulares. Para esses autores as redes sociais, permeáveis às normas locais, poderiam intensificar essas normas ao passo que as tornariam mais disponíveis ao registrá-las e abrirem mais caminhos para sua visibilidade e uso. Nessa perspectiva, considere as redes sociais como campo potencialmente produtivo.

A busca por um diálogo com as mulheres interessadas em modificar seus corpos com cirurgia plástica foi de minha rede de contatos imediatos até redes sociais na internet que reúnem pessoas em grupos temáticos sobre cirurgias plásticas para a troca de experiências, apoio e informações. Esses grupos forneceram uma infinidade de discussões e depoimentos sobre cirurgia plástica, tornando-se o campo principal do trabalho. Para

ilustrar o quadro, no *Facebook*, uma das redes sociais mais populares entre brasileiros<sup>4</sup>, a busca por grupos com “cirurgia plástica” no nome mostra 102 resultados (acesso em setembro de 2018), sendo que uma centena desses grupos conta com mais de mil membros e o mais numeroso dos grupos contava na data do acesso com 314.576 membros.

Considerando inicialmente os 100 maiores grupos que continham os termos “cirurgia plástica” no nome, decidi centrar a análise em um dos maiores grupos no *Facebook* sobre cirurgia plástica. Seu foco é “lipo e silicone”. A atividade constante no grupo, com centenas de milhares de participantes, e o fato de os procedimentos privilegiados nele – lipoaspiração e aumento de seios com próteses de silicone – serem os mais realizados no Brasil e no mundo (ISAPS, 2018) foram decisivos para sua escolha.

Acompanhei o grupo de janeiro a novembro de 2018. Os assuntos mais frequentes nesse período no “lipo e silicone” foram as cirurgias, o período pós operatório, os preços das intervenções, recomendação de clínicas, de hospitais e de médicos, e discussões sobre que tipo de procedimento deveria ser feito para atingir o resultado desejado. Também foram frequentes fotos de “antes e depois” do procedimento. Essas fotos mostram geralmente uma mudança evidente conquistada por meio da cirurgia plástica. A nudez nessas imagens é frequente, com mamilos e genitálias cobertos por *emojis*<sup>5</sup>. Aplicativos de celulares permitem que os *emojis* sejam adicionados facilmente a fotos. Foi bastante comum que as postagens contendo fotos de “antes e depois” usassem *emojis* tristes para cobrir mamilos e genitálias nas fotos do “antes” e *emojis* felizes para o mesmo fim nas fotos do “depois”.

Em geral as postagens com dúvidas e pedidos de recomendação são respondidas no grupo, mas são aquelas que apresentam fotos de resultados de cirurgias as que mais mobilizam interação e discussões. Nessas ocasiões as mulheres que compartilham sua experiência são muito questionadas, e o que interessa à maioria das participantes são as especificidades do procedimento, o médico, os preços e o período de recuperação.

As mulheres do “lipo e silicone”, por sua iniciativa, discutiram em diversos momentos as possibilidades de resultados aparentemente naturais ou não após o implante

---

<sup>4</sup> Segundo relatório (2018) da *We Are Social*, agência de comunicação e mercado na internet, as redes mais usadas pelos brasileiros em 2017 foram o *Facebook*, com 130 milhões de usuários, seguido pelo *Whatsapp*, com 120 milhões, e pelo *YouTube*, com 98 milhões de usuários.

<sup>5</sup> Os *emojis* são ferramentas de comunicação típicos das redes sociais, onde emoções que usualmente precisariam de algumas palavras para serem demonstradas são traduzidas em desenhos, geralmente representações de uma face expressiva.

de próteses de silicone nos seios. Uma enquete sobre a preferência do “silicone marcado” em oposição ao “natural” gerou discussão com 195 respostas. O administrador do grupo, um cirurgião plástico, também se manifestou sobre o assunto em outra postagem em que aborda os tipos de próteses indicadas para cada desejo de aparência final, reiterando a popularidade de tal tópico. Essas postagens e entrevistas semiestruturadas, com Renata e Flávia<sup>6</sup>, foram centrais no enfoque do campo.

Assim, tematizo essas diferentes valorações do aspecto final das cirurgias plásticas via os depoimentos das mulheres do grupo. As normas corporais divergem de acordo com os indivíduos que as reproduzem, e, em muitos casos, em relação às normatividades mais tradicionais, que entendo aqui como valorizando a aparência dita natural após os procedimentos cirúrgicos. As perspectivas daquelas que são partidárias do artificial tem o potencial de ilustrar normas inovadoras para corpos que podem ser constituídos por meio de cirurgias plásticas.

## Versões de normas corporais

Em uma das postagens em que são discutidos resultados das cirurgia plástica nos seios, uma das participantes do grupo, Renata, responde: “Eu prefiro um resultado mais natural e fico mega feliz quando dizem que não parece que meu peito é silicone”. Ela me conta em entrevista que “sempre quis ter peitão”, que não achava o tamanho dos seus seios proporcional ao restante do corpo e então fez a cirurgia. Tem medo de hospital, mas foi a várias consultas e escolheu uma médica que lhe pareceu “mais humana”. Para ela, os resultados foram satisfatórios e sua “vida melhorou demais (...) Minha auto estima ficou 100% e eu finalmente achei que eu era eu mesma, sabe. Não achava que aquele corpo com peito pequeno era eu”. Questionada sobre os resultados terem ficado naturais, ela diz que “Meu peito é super natural. Não parece silicone nem ao toque. Nesses 9 anos, nem os namorados que eu tive perceberam. Eu que contei”.

Essa entrevista evidencia como entre integrantes do grupo o aspecto dito natural pode ser desejável. O que em alguns momentos aparece como afeito as perspectivas de médicos: Lelia “queria que ficasse bem cheguei, mas o cirurgião achou por bem ser natural”. Nota-se também na entrevista com Renata outros pontos que parecem centrais em

---

<sup>6</sup> Em respeito à privacidade dessas participantes, seus nomes foram trocados por nomes fictícios.

discursos correntes sobre cirurgias plásticas, como a ideia de proporcionalidade entre partes do corpo, a associação da melhora da autoestima ao procedimento e a aceitação do papel dos artifícios na construção do corpo feminino, desde que não sejam aparentes. Aparece aqui também um “eu” que é alcançado por meio de uma modificação no corpo.

O que é lido como natural parece muito valorizado quando uma mulher transexual fez uma postagem sobre seu “antes e depois” da cirurgia nos seios. Elen conta logo de início que é transexual e descreve mais seu gênero em termos de porcentagem: “sou 99% mulher”. Ela pôs próteses de silicone e está feliz com o resultado que, segundo sua avaliação, “ficou bem natural”. Essa postagem recebeu a atenção de muitas participantes do grupo, em forma de mais de mil reações. Os comentários foram elogiosos, e o teor dos elogios passa por adjetivações como linda, perfeita, natural e bem feminina. Comentários também no sentido de Elen não parecer trans ou masculina foram comuns, junto aos elogios. Uma das participantes comenta: “essas mulheres [trans] são lindas demais e quando fazem as cirurgias estéticas ficam perfeitas, sem explicação. Mana tu já era linda, agora tá perfeita”. A perfeição de que fala a participante parece referir-se a uma feminilidade bastante específica, acessível por meio das cirurgias plásticas.

O uso da categoria *natural* no grupo “lipo e silicone” durante os meses em que o acompanhei é majoritariamente associado a implantes de silicone nos seios. Em outros momentos o termo aparece descrevendo resultados de procedimentos diversos, como bichectomia: uma cirurgia destinada a remover volume das bochechas. Gabriele relata numa postagem o resultado de sua plástica com fotos e os dizeres “Mais resultados apareceram: 27 dias de bichectomia” ao qual outra participante responde: “resultado lindo, natural”. Também aparece em uma postagem divulgando “compostos naturais” para emagrecimento. Nos discursos sobre esses procedimentos, mesmo no grupo, estão explícitas preferências pelo natural. Porém, é quando o tema são próteses de silicone nos seios que o desejo da naturalidade no aspecto resultante de tal cirurgia plástica divide as participantes.

Marcela iniciou uma discussão no grupo com a seguinte pergunta: “Meninas que-rem silicone: natural ou bem marcado estilo cheguei? Eu não gosto de Natural não”. Quase duzentos comentários resultaram dessa postagem. A polarização sugerida pela pergunta aparece nas respostas. Por exemplo, respostas daquelas que valorizam um resultado natural: “O meu ficou natural e adorei, ninguém diz que tenho!” ou “Super Natural! Até meio caidinho”.

Nas respostas daquelas que não querem um resultado natural, as justificativas passam pela abordagem das cirurgias plásticas enquanto investimentos e da percepção visual de tal investimento: “Penso assim: paguei foi caro, então tem que ser algo que dá pra ver que tenho silicone.” Outra participante, Cláudia, professora do ensino básico, está insatisfeita com os resultados de sua cirurgia plástica. Ela relata ter ouvido comentários sobre seu corpo ter uma aparência natural e reclama: “É triste você gastar um dinheiro que não tem (empréstimo) e ouvir as pessoas dizendo: “tá natural””. Além de evidenciar as diferentes normas em tensão a respeito de natural e artificial, a postagem mostra que um resultado de aparência natural pode ser convertido em tristeza pois é como um investimento que não traz os resultados esperados. Resultados esses que seriam a aparência da cirurgia plástica e o reconhecimento visual da mesma.

As justificativas das partidárias do artificial passam também pelo desejo da aparência de silicone, simplesmente: “Silicone é para ter cara de silicone uai”; da diferenciação da aparência natural que já existe: “Pra deixar natural melhor nem colocar silicone”; e de causar: “Natural todo peito é. Quero silicone é pra causar mesmo.” Outra participante diz que “se não for pra causar nem quero”. Muitas das postagens no grupo sugerem esse “causar” atrelado às modificações corporais. Entendo esse termo como significando alvoroçar, chamar a atenção, provocar reações: “Se nao for pra causar nem coloco [o silicone].”; “Quero silicone é pra causar mesmo”. Essa agência do implante de silicone seria informado não só pela prótese, mas também pela técnica utilizada na sua inserção, por vezes evidenciando o implante e permitindo a ele *causar*<sup>7</sup>.

Um comentário que vai no mesmo sentido, mas apresenta um deslocamento de justificativa em relação aos anteriores, é o de Flávia: “Quero q meus seios sejam compatíveis comigo, de acordo com as outras coisas, por exemplo: cabelos alisados, unhas postiças, cílios alongados, a barriga vou tirar, os peitos não podem ser naturais, vão ficar se sentindo excluídos”. Outros depoimentos em postagens evidenciam o desejo de que o resultado do implante seja marcado no corpo: “Marcado, tão marcado que pra mim poderia ter a marca da prótese em alto relevo”; “Quero tipo cara de falso mesmo”; “Bem marcado, natural eu já tive a vida toda...”

O depoimento de Flávia endossa o papel dos artifícios na construção do corpo feminino. Mais do que isso, e consoante às postagens de várias outras participantes,

---

<sup>7</sup> Para uma discussão acerca de do reconhecimento das possíveis agências de dispositivos biomédicos envolvendo processos de materialização e subjetivação, consultar o trabalho de Rohden (2018) sobre o uso de implantes hormonais por mulheres.

demonstra a possibilidade de que esses artifícios sejam desejáveis em relação à alternativa natural. Menos importante no depoimento de Flávia pelo tom jocoso, mas ainda assim presente, há a sugestão de uma necessária adequação de algumas características ao restante das outras já estabelecidas como artificiais. Perspectivas como a de Flávia são opostas às reveladas por narrativas mais próximas às dos médicos, que observei principalmente nos *sites* da pesquisa de IC citada, que dão ênfase à possibilidade de resultados naturais ao descrever seu trabalho. A negociação com esse tipo de normatividade é operada pelas que buscam uma aparência artificial.

Em entrevista, Flávia me conta que ainda não fez as cirurgias desejadas, está em uma dieta, se preparando para plásticas no abdome e nas mamas, que quer fazer nesse momento pois já deu a luz à sua filha. Bem humorada, ela diz: “Só tá faltando tirar a barriga e colocar os peitos. O resto é tudo falso”. Seu plano é “fazer tudo: lipo, abdome e seios”. Pergunto sobre os resultados desejados e ela diz que quer sempre o melhor, e “o peito bem marcado”. Para possibilitar isso, será necessário retirar uma grande quantidade de pele, o que Flávia descreve como “retirar a mama”. Não reconheço tal procedimento estético e ela explica que tem alguns nódulos nos seios e irá usá-los como argumentos para que esse procedimento de retirada de mama seja feito pelo cirurgião escolhido. Seu desejo é fazer “praticamente o procedimento de quem tem câncer (...) pra diminuir e deixar duro, duas bolotas enormes (...) pra quem ver dizer que é silicone mesmo, não tenho porque esconder nada, muito menos cirurgia plástica”.

Fica evidente nesse depoimento uma certa negociação em torno das formas como se realiza a cirurgia plástica, e que ela envolve partes com perspectivas distintas. Essas perspectivas a respeito do corpo nesse caso entram em choque. Chamo a atenção para o fato de serem ambas normatividades, mas apesar disso, representarem tipos diferentes de normas e uma delas estar alinhada a formas mais recentes dos usos das tecnologias biomédicas. Normas constantemente reiteradas por cirurgias plásticas persistem, mesmo em formas mais recentes, como a performatividade de gênero nos corpos via os seios. As mulheres que valorizam a aparência artificial estão negociando formas de operacionalizar essa norma, o que, ao mesmo tempo, pode representar desafiar alguns pressupostos da medicina apoiados em noções de saúde, como aparece no discurso de Flávia. Desafio esse que é ambivalente, justamente porque os pressupostos questionados deveriam operar em favor da saúde das pacientes. A negociação é feita, assim, em diálogo com a saúde, e com o uso de discursos relacionados a ela como estratégia para a realização de determinados procedimentos.



## Algumas diferenças

As integrantes do “lipo e silicone” são mulheres, com raras exceções. Algumas inclusive se sentem desconfortáveis ao perceber a presença masculina: “Meninas tem homem neste grupo [...] Será que as moderadoras não podem excluí-los?”. Quando trata-se da linguagem dos profissionais da medicina estética, as cirurgias plásticas são frequentemente referidas como destinadas ao público feminino. O nome do grupo que focamos, um dos maiores sobre cirurgia plástica no *Facebook*, ilustra a popularidade do procedimento de aumento de seios com próteses de silicone. As estatísticas - 85% dos procedimentos cirúrgicos cosméticos foram feitos em mulheres e aumento de seios com implantes de silicone é a cirurgia plástica mais popular no Brasil (ISAPS, 2018) - sugerem a relevância do gênero e desse procedimento na estética corporal feminina.

Não são apenas as diferenças de gênero que chamam a atenção quando trata-se de cirurgias plásticas. Os padrões corporais perseguidos, via de regra, são brancos. Heyes chama a atenção para o fato de que “toda cirurgia cosmética é étnica” (HEYES, 2009, p.191, tradução minha), e não apenas aquelas que moldam narizes negros ou pálpebras asiáticas. Segundo Edmonds (2010) no Brasil questões referentes à raça e etnia são frequentemente omitidas quando se descreve cirurgias plásticas e as referências ao embelezamento seriam uma forma indireta de tratar de raça e etnia sem referências diretas a elas. Haveria, para Edmonds, por trás da beleza da mestiçagem que Freyre (1986) defende, um racismo revelado na caracterização do belo como uma mistura de raças suavizadora dos exageros africanos, e isso se refletiria nas práticas atuais de embelezamento. No campo desse trabalho as interferências étnico-raciais ficam mais evidentes quando são comparadas as imagens dos *sites* analisados na IC e as imagens do grupo “lipo e silicone”. Nas primeiras, há evidentemente a predominância de corpos brancos, enquanto nas imagens do grupo, feitas pelas próprias mulheres e geralmente de seus próprios corpos, há uma maior diversidade étnico-racial.

Em Edmonds (2010) a beleza no Brasil aparece relacionada à raça e à classe, de forma que os belos seriam os socialmente dominantes. Essa beleza é vista pelo autor como um capital usado para mobilidade social no Brasil, como seria o caso das *siliconadas*, personagens populares que representariam uma “fantasia do corpo enquanto veículo de ascensão social” (EDMONDS, 2010, p. 72, tradução minha). Uma das participantes do grupo ecoa essa fantasia ao justificar porque deseja a aparência de siliconada: “Eu quero

cheegueeee mesmo porque se depender dos meus [peitos] pra chegar em algum lugar eu to ferrada”. A cirurgia plástica aparece, assim, significada como meio para se chegar a um lugar idealizado.

Atenta a diferenças sociais, Fraser (2009) também encontra a retórica do investimento na justificação das cirurgias plásticas. A autora vê entre certas revistas e a *Makeover Television*<sup>8</sup> algumas semelhanças nos discursos sobre esses procedimentos: ênfase positiva no esforço e rechaço da vaidade. Dentre as diferenças apontadas por Fraser estão repertórios de agência disponíveis, que se relacionariam às classes das audiências de cada um dos veículos de comunicação. Nas revistas, as cirurgias plásticas apareceriam como investimentos, muitas vezes ligadas à carreira. Na televisão não haveria ênfase nos investimentos, e Fraser argumenta que isso acontece pois gênero e classe se conjugam nos diferentes contextos. Num deles criaria uma narrativa onde a cirurgia é um prêmio dado a mulheres com poucos recursos financeiros. Cada veículo produziria feminilidades específicas.

Se feminilidades diversas podem ser conformadas com as mesmas tecnologias a depender do grupo social das mulheres em questão, no “lipo e silicone”, seria problemático operar uma descrição de classe ou raça generalizantes, ou mesmo diferenciar as mulheres em algumas poucas categorias referentes a esses marcadores de diferença. As mulheres constituem esse grupo via centenas de milhares de perfis, heterogêneos. Conforme Naidin (2016), o que parece ou é descrito como natural no universo das modificações corporais com tecnologias biomédicas seria hegemônico em classes médias e altas. Nelas as mulheres prezariam por discrição e privacidade em torno das suas cirurgias. No “lipo e silicone” essas perspectivas, mesmo que valorizem um aspecto natural, são populares e abertamente comentadas, como no comentário sobre a aparência desejada após o implante de próteses de silicone: “Se for pra ficar marcado eu coloco duas bolas que é mais barato. Deus me livre ficar com peitos iguais os da Gracyane Barbosa, quero bem natural, claro”.

Igualmente populares são as referências a uma visibilidade e a um destaque das próteses nos seios. Priscila quer que sua cirurgia plástica resulte em uma aparência impactante: “(...) tipo [para] quando alguém me encontrar falar ‘Oi silicone e depois Oi

---

<sup>8</sup> *Makeover television* é a denominação em língua inglesa para programas de televisão cuja atração é a documentação de uma mudança radical na aparência de uma pessoa comum. Está entre os *Reality Shows*, gênero estrelado por pessoas comuns (comuns em oposição a atrizes e atores interpretando personagens).

Pri”. Uma feminilidade “supergostosa” aparece na narrativa de Naidin (2016) exaltada em circuitos populares. Seus interlocutores de classes médias e altas descrevem essa feminilidade muitas vezes como um exagero ou excesso de volume em forma de músculos, próteses e preenchimentos. Para a autora, em ambos os circuitos se operaria uma divisão entre bizarro e aceitável, com deslocamentos a depender do grupo social. No trabalho de Fraser (2009) discursos voltados a classes populares não utilizam a retórica do investimento. No grupo, parece haver uma mistura desses elementos, em que a feminilidade “supergostosa” também é pautada nos investimentos: “penso assim: paguei foi caro, então tem que ser algo que dê pra ver que tenho silicone”.

## Cirurgias plásticas e saúde: moralidades em jogo

A cirurgia plástica é uma das especialidades médicas reconhecidas pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) brasileiro. Segundo a resolução nº 1.621/2001 desse conselho, “visa tratar doenças e deformidades anatômicas, congênicas, adquiridas, traumáticas, degenerativas e oncológicas, (...) objetivando beneficiar os pacientes visando seu equilíbrio biopsicosocial e conseqüente melhoria sobre a sua qualidade de vida”. Há subdivisões correntes entre cirurgias plásticas estéticas e reparadoras, que passam por noções de saúde, tanto física quanto mental (SCHIMITT, 2017, ANTONIO, 2012), apesar da definição de cirurgia plástica enquanto especialidade médica sem subdivisões pela mesma resolução do CFM citada. O foco nesse trabalho foram cirurgias plásticas em geral, tanto as referidas em campo como estéticas quanto como reparadoras.

A noção de saúde na medicina estética é complexa. Para Rohden (2017) há mudanças importantes nessa relação recentemente: uma aura de estigmas relacionados aos problemas curáveis por meio da medicina vem sendo substituída por uma publicização de discursos sobre os tratamentos médicos e estéticos. Privacidade, segredo e vergonha que tornavam a exposição dos tratamentos indesejável estariam dando lugar a publicização de discursos sobre os tratamentos, e isso seria possível no contexto vigente de valorização do aprimoramento individual. As postagens no “lipo e silicone” relatam trajetórias em torno das cirurgias plásticas, contendo imagens e textos que enfatizam uma melhora por meio desses procedimentos. Uma participante comemora o resultado de sua cirurgia plástica postando no grupo fotos da parte do corpo operada, antes e depois do procedimento, e o texto: “Meninas hoje completo mesversário dos meus gêmeos amados (...)

Meu melhor presente, de mim para mim mesma!!! Super feliz (...) ESTAR PLENA É A MELHOR SENSAÇÃO QUE EXISTE”.

O foco na capacidade individual de conhecimento e acesso a tratamentos biomédicos visando aprimoramento demonstraria a distinção social possível por meio do uso dessas tecnologias (ROHDEN, 2017). Condições previamente classificadas como normais ou naturais, para Rohden, nesse contexto de aprimoramento, passariam a ser problemas médicos e responsabilidades morais individuais.

O problema de pesquisa levado a campo foi entender como nos discursos sobre cirurgias plásticas o natural é usado para descrever os resultados desses procedimentos. Essa natureza apareceu fortemente conectada a performances de gênero. No exemplo mais frequente no grupo “lipo e silicone”, natural caracteriza principalmente o aumento dos seios com implantes de próteses de silicone. Os discursos no “lipo e silicone”, como vimos, demonstraram haver divergentes posições a respeito dos resultados desejados para as cirurgias plásticas.

Weiss e Kukla (2009) tematizam o “visual natural<sup>9</sup>” em um programa de televisão cuja atração é a transformação de pessoas por meio de cirurgias plásticas e outras tecnologias estéticas. Estariam evidentes no programa, segundo os autores, duas posições a respeito da intervenção humana em sua natureza: uma libertária que entende essas intervenções como algo constitutivo do humano e outra essencialista, que não reconhece como legítima essa intervenção. Haveria ainda uma variedade de discursos sobre as cirurgias plásticas, sem definições acuradas para o que esse natural significa em cada um. No “lipo e silicone” o natural é usado, no exemplo mais frequente, tratando de preferências relativas aos implantes nos seios. Juliana diz: “Não quero que o silicone fique marcado [...] quero naturalzão tipo pêra, bem lindão”. O natural não aparece com uma definição explícita nos discursos no grupo. O que está evidente é que nesse ambiente ele é oposto a adjetivos como marcado, cheguei e artificial.

Divergindo da opinião de Juliana, uma alusão bastante frequente a “causar” chamou a atenção no “lipo e silicone”, que opera uma negação do aspecto natural no resultado da cirurgia plástica no corpo, e valoriza a aparência artificial das próteses de silicone: [o implante de silicone deve ficar] “Marcado estilo cheguei. Se não for pra causar nem coloco.”

---

<sup>9</sup> *Natural look* na obra original, tradução minha.

Para Haraway (2000) os saberes criadores de tecnologias têm pessoas que respondem por eles, diferentemente da natureza invocada frequentemente como algo sobre o qual não se tem controle e pode ser usada como bode expiatório para normatividades, conforme explicita Rohden (2009). Porém, como apontam Weiss e Kukla (2009), apesar de os procedimentos enfatizarem que o corpo é culturalmente construído, o potencial revolucionário não é concretizado pois persegue-se o mesmo padrão corporal. O normal não deve ser modificado, mas as anormalidades sim: essa é uma postura conservadora identificada pelos autores, que nunca desafia a norma (WEISS, KUKLA, 2009). Igualmente, as normas de gênero aqui discutidas, apesar de aparecerem flexíveis entre aspecto natural e artificial, reafirmam os seios enquanto importantes na definição da feminilidade.

Ao focar a natureza na medicina do século XIX, Rohden (2009) identifica “prescrições relativas às funções sociais de homens e mulheres” (Rohden, 2009 p.229) baseadas nas concepções do que era natural. A medicina então, seria um agente normativo da diferença entre os sexos, e da natureza nesse recorte. Para a autora haveria uma necessidade de reafirmação constante das diferenças, e uma instabilidade da natureza e das fronteiras em torno dela performadas. A deseabilidade da performance dessa natureza parece não ser a regra nas práticas de cirurgias plásticas, principalmente se nos distanciarmos da linguagem dos profissionais da medicina. Nos discursos entre mulheres no “lipo e silicone”, distintas idealizações de corpo estão presentes. Para Beleli (2015, 2016) a proliferação de conteúdos e de autores nas redes coloca em conjunto distintas moralidades e amplifica os diferentes posicionamentos das pessoas a respeito dos temas em voga. Mas esses posicionamentos, como lembra a autora, não são produzidos de forma separada da vivência cotidiana dos criadores de conteúdo.

## Cirurgias plásticas como práticas de gênero

Essa performance de gênero que valoriza uma aparência artificial poderia ser enquadrada no que Haraway (2000) classifica como uma produção não centrada no binômio natureza/cultura, como o ciborgue, por exemplo? A aparência das próteses, com ênfase em mostrar essa qualidade artificial, sugere que sim. Porém a centralidade das mamas, como uma marca de gênero e feminilidade traz problematizações a essa hipótese. Isso porque as definições normativas do feminino parecem ativas nessas práticas. Ainda assim, a valorização das próteses em contextos onde tradicionalmente se

descrevia um desejo de que elas fossem imperceptíveis aponta diferentes possibilidades de performance. Nesse caso, do gênero feminino em uma parte circunscrita do corpo.

Esse uso *marcado* das cirurgias plásticas que incluem próteses nos seios, evidenciado no “lipo e silicone” poderia ser uma manifestação das normas locais, intensificadas pelas redes sociais, de que fala Miller (2012). Porém dizer que a norma local é algo aqui descrito seria ignorar as perspectivas, também locais, daquelas que não seguem essa norma. A diferenciação entre perspectivas tradicionais e não tradicionais, com aquelas marcadas pela valorização do resultado natural após a cirurgia plástica representando a perspectiva tradicional, talvez seja um pouco menos problemática.

## Considerações finais

Esse trabalho iniciou com o objetivo de focar uma categoria muito usada num contexto específico de discursos sobre cirurgias plásticas na internet: natural. No percurso de construção do trabalho e no campo, revelaram-se interessantes as possibilidades daquilo que era mostrado como alternativo a essa categoria. Essas possibilidades acabaram se tornando centrais.

Estigmas corporais foram, e ainda são, combatidos por meio de cirurgias plásticas. Por esse ponto de vista, cirurgias plásticas que criam estigmas seriam consideradas fracassadas. Para as mulheres que buscam um resultado aparentemente natural, a cirurgia plástica não deve ser perceptível. A aparência desejada é informada por normatividades conservadoras (WEISS; KUKLA, 2009). Um estigma tem papel antes da cirurgia, e não depois. Se enfocarmos com essa perspectiva o que parece outro tipo de norma sobre gênero, em que são buscados resultados visivelmente artificiais, esse estigma, ou seja, a marcação no corpo de que um processo de modificação tecnológica foi executado, é o objetivo. Nesse caso um estigma pode estar presente antes da cirurgia, mas a regra é que ele deve estar presente depois. Se não estiver, o procedimento não é satisfatório.

Aquelas que valorizam uma aparência artificial no “lipo e silicone” desafiam uma normatividade conservadora como a identificada por Weiss e Kukla (2009), em que natural significa uma forma de dizer o que o corpo deveria ser: algo sem híbridos. A subversão dessa norma por meio da apropriação de um estigma lembra alguns aspectos da teoria queer de Butler (1990). Nessa perspectiva, segundo Salih (2012), o caráter radical da apropriação subversiva é a dificuldade de definição dos termos. Natural é um exemplo

dessa dificuldade: não emerge uma definição fácil para esse termo no contexto dos discursos sobre cirurgia plástica na internet aqui reunidos. Porém, é importante considerar a perspectiva trazida por Weiss e Kukla (2009), em que o caráter subversivo e o potencial revolucionário são problematizados pelos resultados dessas criações que são via de regra muito semelhantes.

As normatividades de um gênero feminino que encontramos no “lipo e silicone” são, por vezes, diversas das normatividades encontradas em discursos mais afeitos às perspectivas dos cirurgiões sobre cirurgia plástica. No grupo, há tanto mulheres que parecem afeitas a essa normatividade quanto aquelas que declaram preferência por outras marcas de gênero. Essas outras marcas aparecem bastante relacionadas a próteses e tecnologias, de forma a abraçá-las em seu aspecto perceptivelmente artificial. Isso é marcado pelo uso das mesmas tecnologias que podem criar um padrão de gênero feminino mais tradicional em corpos com aparência natural. Assim há, em certo grau, uma dissidência dentro dessas normatividades. Quando enfocamos o uso das cirurgias plásticas pelas diversas mulheres do grupo, as normatividades de gênero nas nuances de seus contextos específicos podem estar visíveis. Esses contextos têm seus repertórios de agência específicos, segundo Fraser (2009). Repertórios esses que, com os elementos associados aqui, operam negociando diferentes feminilidades.

## Referências

- ANTONIO, Andrea T. 2012. **O Psicólogo com o Bisturi na Mão: um estudo antropológico da cirurgia plástica**. São Paulo: Annablume.
- BELELI, Iara. 2016. “Novos cenários: entre o ‘estupro coletivo’ e a ‘farsa do estupro’ na sociedade em rede”. **Cadernos Pagu**, 47: e164710.
- \_\_\_\_\_. 2015. “O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais”. **Cadernos Pagu**, 44: 91-114.
- BUTLER, Judith. 1999. “Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’”. In: Guacira Lopes Louro (org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. pp. 151-172.
- \_\_\_\_\_. 1990. **Problemas de Gênero: Feminismo e a Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- BRASIL. 2001. **Resolução CFM nº 1.621**. Brasília: Conselho Federal de Medicina.
- EDMONDS, Alexander. 2010. **Pretty Modern: Beauty, Sex and Plastic Surgery in Brazil**. Durham: Duke University Press.
- FRASER, Suzanne. 2009. "Agency Made Over? Cosmetic Surgery and Femininity in Women's Magazines and Makeover Television". In: Cressida J. Heyes and Meredith Jones (eds.). **Cosmetic Surgery: A Feminist Primer**. London: Routledge. pp. 49-78.
- \_\_\_\_\_. 2003. **Cosmetic Surgery, Gender and Culture**. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- FREYRE, Gilberto. 1986. **Modos de homem & modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record.
- HARAWAY, Donna. 1995. "Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial". **Cadernos Pagu**, 5: 07-41.
- \_\_\_\_\_. 2000. **Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica.
- HEYES, Cressida; JONES, Meredith. (eds.). 2009. **Cosmetic Surgery: A Feminist Primer**. London: Routledge.
- \_\_\_\_\_. 2009. "All Cosmetic Surgery is 'Ethnic': Asian Eyelids, Feminist Indignation, and the Politics of Whiteness". In: Cressida J. Heyes and Meredith Jones (eds.). **Cosmetic Surgery: A Feminist Primer**. London: Routledge. pp. 191-205.
- HINE, C. 2005. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. Huntingdon: Bloomsbury Publishing.
- \_\_\_\_\_. 2000. **Virtual Ethnography**. London: SAGE Publications.
- HORST, Heather; MILLER, Daniel (eds.). 2012. **Digital Anthropology**. London: Berg.
- INTERNATIONAL SOCIETY OF AESTHETIC PLASTIC SURGERY. 2018. International Survey on Aesthetic/Cosmetic Procedures Performed in 2017. **New Hampshire: ISAPS**.
- MILLER, Daniel. 2012. "Social Networking Sites". In: Daniel Miller and Heather Horst (eds.). **Digital Anthropology**. London: Berg.



- NAIDIN, Silvia. 2016. **(Bio)tecnologias do corpo e do gênero: uma análise da construção de corporalidades femininas**. Rio de Janeiro: UERJ.
- ROHDEN, Fabíola. 2009. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.
- \_\_\_\_\_. 2017. “Vida saudável versus vida aprimorada: tecnologias biomédicas, processos de subjetivação e aprimoramento”. **Horizontes Antropológicos**, 23: 29-60.
- \_\_\_\_\_. 2018. “Os hormônios te salvam de tudo: produção de subjetividades e transformações corporais com o uso de recursos biomédicos”. **Mana**, 24: 199-229.
- SALIH, Sara. 2012. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica.
- SCHIMITT, Marcelle. 2017. **Da superfície à carne: as fronteiras entre estético e reparador na formação e atuação no campo da cirurgia plástica**. Porto Alegre: UFRGS.
- WEISS, Daniel; KUKLA, Rebecca. 2009. “The ‘Natural Look’: Extreme Makeovers and the Limits of Self-Fashioning”. In: Cressida J. Heyes and Meredith Jones (eds.). **Cosmetic Surgery: A Feminist Primer**. London: Routledge. pp. 49-78.
- WE ARE SOCIAL. 2018. **Digital in 2018 in Southern America Part 1**. London: We are Social.